

O Comércio Religioso da Flora "Sete Flexas": Territorialidade que Conformam o Centro de Porto Alegre

Fabiana Carla Ferracini

ILUMINURAS; N. 78

Ferracini, Fabiana Carla (Eckert, Cornelia e Rocha, Ana Luiza Carvalho da – Orientação)

O Comércio Religioso da Flora “Sete Flexas”: Territorialidade que Conforma o Centro de Porto Alegre. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2005.

15 f.- (Iluminuras; n. 78)

Comércio Religioso da Flora “Sete Flexas”: Territorialidade que Conforma o Centro de Porto Alegre

Fabiana Carla **Ferracini**

Bolsista Voluntária do Banco de Imagens e Efeitos Visuais – PPGAS/UFRGS



Introdução

Esta etnografia está inserida no trabalho das coleções etnográficas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - BIEV, o qual se desenvolve sob a coordenação de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. O BIEV foi fundado em 1997 e pertence ao Núcleo de Pesquisa sobre Culturas Contemporâneas – NUPECs, ao Laboratório de Antropologia Social e ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social-PPGAS, da UFRGS com os quais desenvolve, junto ao CNPq, Projeto Integrado de Pesquisa. O Banco possui duas versões: o BIEV-data que se constitui num conjunto de documentos textuais, sonoros, fotográficos e videográficos, oriundos dos diversos estudos antropológicos sobre a vida urbana da cidade de Porto Alegre realizados por seu grupo de pesquisadores e bolsistas de iniciação científica. O BIEV-site (www.estacaoportoalegre.ufrgs.br) é o espaço virtual onde são cruzadas as informações cadastradas na Base de Dados do Banco. Dentre os projetos de pesquisa que compõem o Banco estão “Estudos antropológicos das formas de sociabilidade, itinerários urbanos e memória coletiva no mundo urbano contemporâneo”, “Feições dos Medos e das Crises no Ritmo das Sociabilidades Cotidianas na Cidade: Estudo Etnográfico” e “Coleções

Etnográficas, Estética Urbana e Patrimônio Etnológico na Era das Textualidades Eletrônicas”. Suas produções são compostas por “Documentos Etnográficos”, “Exposições Fotográficas”, “Etnografias Sonoras”, “O Vídeo ao Rés-do-Chão” e o “Iluminuras”, um conjunto de publicações sobre os estudos etnográficos urbanos.

A pesquisa vigente está sendo realizada na loja de artigos afro-religiosos “Sete Flexas” que se situa na Praça Parobé, zona central de Porto Alegre. Sob a perspectiva antropológica da memória coletiva, visa compreender o cotidiano das pessoas que se movimentam pela loja, bem como as relações de troca estabelecidas nesse espaço. Seu estudo só foi possível devido ao projeto elaborado pelo BIEV de cada pesquisador “adotar” uma parte da cidade, cujo conteúdo textual e fotográfico seria adicionado ao



acervo de dados do Banco. Através da realização de observações participantes como técnica e da etnografia como método, procurei interagir com aqueles que trabalham na “Sete Flexas” ou por ela circulam - proprietários, funcionários e clientes. Além das anotações em caderno de campo, também fez parte do estudo etnográfico o registro fotográfico do ritmo da loja, bem como, de sua organização interna e dos objetos que nela são vendidos. A fotografia não só serviu de complemento às anotações e de método de inserção em campo. À medida que foram cadastradas no Banco, as fotos também se constituíram numa proposta de formar uma narrativa cruzada com a sonografia, o vídeo e o texto, propondo com tais suportes narrativos uma outra linguagem. Num primeiro momento, as “idas a campo” foram realizadas de maneira cuidadosa e gradual, começando por visitas “descompromissadas” à flora. Circulava por ela, apenas observando o ritmo do seu comércio, sem que apresentasse ao grupo a verdadeira intenção das visitas. Perguntas sobre alguns objetos eram feitas ao pessoal da flora, ações que favoreciam o contato com os donos da loja. Nas pequenas conversas, procurava saber sobre o significado religioso de algumas imagens expostas. Num segundo momento, ocorreu uma abordagem mais próxima dos futuros informantes. O intuito era o de me apresentar a eles, explicando-lhes sobre a pesquisa e seu propósito. Nessa fase, introduzi a fotografia no campo, na medida em que dias inteiros foram partilhados com Lorena, Silon, Aline e outras pessoas que, casualmente, foram encontradas no contexto da flora.

Um pouco de história...

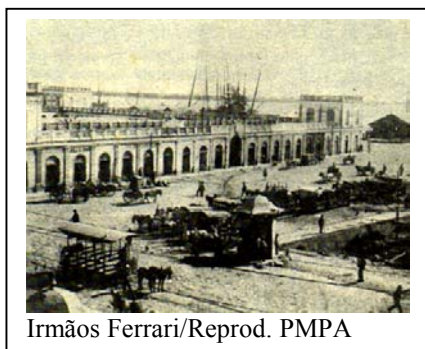
Conforme registra Francisco Riopardense de Macedo (1973) num de seus guias históricos sobre a cidade de Porto Alegre, no espaço da Praça Parobé havia a Doca das Frutas que foi construída entre 1844 e 1852 em função do Mercado Público, localizado na antiga Praça do Paraíso, hoje a Praça XV de Novembro. Destinada a ancorar pequenas embarcações, a Doca era uma das “portas de



Autor desconhecido – D. das Frutas – final do século XIX

entrada” dos alimentos para Porto Alegre. Abastecia também o Mercado Central da Praça XV, onde está instalado, até hoje, desde 1870. Em 1919, a Doca das Frutas foi aterrada para a construção do cais do porto. Em seu lugar, surgiu, em 1925, a praça Pereira Parobé, a qual se tornou ponto de bondes de tração animal. Em 1935, tornou-se abrigo para passageiros de bondes elétricos das linhas de Navegantes e S. João. Em seu entorno havia lojas e bancas de comércio. Com a enchente de 1941, a praça ficou parcialmente destruída e se transformou num estacionamento que, após alguns anos, veio a ser ponto de embarque e desembarque de ônibus.

Atualmente, a Praça Parobé ainda guarda alguma semelhança de perfil com a Doca das Frutas da segunda metade do século XIX. Naquela época, a região já se constituía num



Irmãos Ferrari/Reprod. PMPA

espaço de trocas comerciais. Os alimentos movimentavam a economia da região e chegavam em grandes quantidades para o Mercado local, o que fazia com que a área da Doca concentrasse o maior movimento de pessoas, cavalos, carroças e veículos da cidade em função das compras e do abastecimento. Tal qual na época da Doca, a Praça Parobé possui o comércio de frutas, legumes e verduras, apesar

do comércio atual, nessa região, ser maior e possuir mais variedades de produtos. No tempo das Docas ainda não havia os camelôs, nem a grande quantidade de lojas, atualmente, existentes. Os barcos paravam no ancoradouro para trazer os gêneros alimentícios de outras regiões do Estado, mais especificamente de São Leopoldo para serem vendidas em Porto

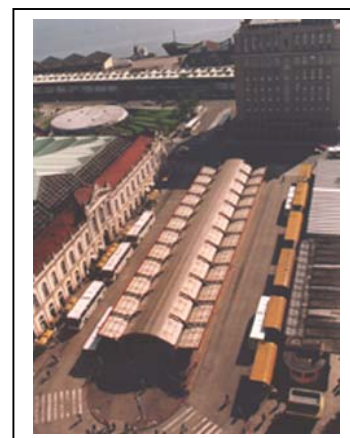
Alegre. Há, ainda hoje, quem faça a compra desses produtos nas diversas bancas da Praça Parobé, cuja atividade mercadológica do espaço acabou permanecendo ao longo do tempo. Assim a Praça parece ter a finalidade da troca, cujo aspecto comercial não faz “jus” ao nome de “Praça”, conservando alguma semelhança de função com a antiga Doca das Frutas. Se no final do século XIX o local já era reservado para a correria do comércio, hoje em dia, o perfil agitado permanece e se intensificou como que perpetuando seu “tino” para as vendas. Outra característica que ainda parece permanecer é a questão do trânsito, da mobilidade. Tanto no local das Docas quanto na atual Parobé, o transporte se faz bem presente, demonstrando ser o



espaço uma espécie de “centro dispersor de caminhos”. As antigas carroças, veículos e cavalos, bem como os barcos da Doca possibilitavam a locomoção humana para diversos lugares e direções, o que conferiam uma característica dinâmica do espaço. Hoje, a Praça, que de

praça não tem nada, comporta as paradas de ônibus que “comunicam” o Centro de Porto Alegre com os bairros mais afastados.

O cruzamento permanente de pessoas faz do local um “entroncamento” de rumos e vidas. Vindas de outros lugares da cidade, muitas pessoas são “despejadas” diariamente pelos coletivos. “Misturam-se”, na multidão, com os mendigos, transeuntes e vendedores ambulantes. Além do Mercado Público, o entorno desse espaço abriga desde lojas de tecido a casas noturnas e o conjunto de florais que fica na Galeria Parobé, à esquina da Praça com a avenida Júlio de Castilhos. Aspectos que dão uma função comercial e não, residencial a essa parte do Centro. Para Louis Wirth (1938), os locais destinados ao comércio tendem a se desvincular do local de moradia, pois essas áreas passam a ser “desaconselháveis” para a fixação de residência. Geralmente cada região da cidade possui uma função específica que visa um maior retorno



econômico. Particularidades como o barulho e a estética determinam a finalidade de cada área, o que acaba imprimindo a ela um sentido culturalmente estabelecido. Esses fatores

selecionam o modo de ocupação e o tipo de pessoa que vai manter contato com ela. Na Praça Parobé, além do comércio, a mendicância e a criminalidade ajudam a tornar o espaço num local não apropriado para se morar, tornando-o sinônimo de “perigo” e “degradação”. Essas características reforçam a sensação de insegurança naqueles que transitam por ela.

A “Sete Flexas”

A “Sete Flexas” se encontra inserida nesse horizonte. Suas imediações são conhecidas pelo mito do “Bará”, pedra sagrada do culto afro-brasileiro que, segundo a “lenda” popular, estaria, supostamente, enterrada no Mercado Público na época de sua construção. No Batuque do Rio Grande do Sul, esse orixá é sincretizado com Santo Antônio, São Pedro e São Benedito. Porta-se como uma entidade de personalidade ambígua e inconstante. Protetor das encruzilhadas, rege a comunicação e o comércio (ORO; 1994, 48). Dessa forma, nada mais apropriado que a “proteção” dessa entidade a um lugar conhecido pelo trânsito e comércio intensos. Para Jacqueline Britto Pólvora (1994, 104), a “encruzilhada” é metáfora do movimento, dos acontecimentos fluidos e imediatos, significando território “de ninguém”. Simboliza a indeterminação das trajetórias. A força vital que, constantemente, transforma a vida e move o universo (ORO; 1994, 48). Apesar de se caracterizar como um local de instabilidade e não fixação, penso que é na “encruzilhada” que as trocas se dão, tais como o comércio e a comunicação, fundamentais à sobrevivência humana. Assim, a região que comporta a Praça Parobé parece ter adquirido os aspectos “psicológicos” de seu “orixá regente”. Acredito ser adequado pensar a flora como um “cruzamento” de “vias”. Tal como as características que envolvem o “Bará”, a loja de Lorena se “comunica” com as floras da redondeza, estabelecendo uma rede de conexões entre elas.



Sobre a fixação da “Sete Flexas” na Praça Parobé, Lorena conta que, após um período de dificuldades financeiras, Silon estava procurando um ponto no Centro e encontrou um estacionamento fechado. Para torná-la num estabelecimento comercial, a futura loja precisou passar por diversas reformas, das quais ele fala com orgulho, apontando para o assoalho novo e para a escada de ferro que leva até a fábrica. “Tive que fazer tudo isso!”, exclamou ele. O casal veio de uma experiência comercial não muito próspera na Avenida Farrapos. É o que declara Lorena a seguir: “vai fazer mais ou menos, uns dois anos que nós tínhamos uma loja na Farrapos, mas era basicamente atacado porque a gente também revende para as outras. Aí o movimento caiu muito e a gente resolveu abrir a flora aqui. Nós procuramos um ponto mais próximo do Centro em função do movimento”. Juntos, eles trabalham na loja e recebem a ajuda da filha de 17 anos, chamada Aline. Possuem por volta de cinco funcionários que se distribuem nas tarefas de atender o balcão, trabalhar na fábrica e costurar as roupas dos rituais. A flora foi fundada em setembro de 2004 e é composta por uma loja na parte da frente e uma fábrica no porão. Vende por atacado e varejo, produzindo artigos para rituais afro-religiosos, como incensos e defumadores. Esses são vendidos para todo o Brasil, cobrindo também as floras de Porto Alegre.



Um Horizonte de Trocas



Dentre as relações estabelecidas por essa loja, está o contato comercial. Lorena Dúllios e seu marido, Silon, vendem seus produtos para as lojas vizinhas que também são fornecedoras da “Sete Flexas”. A “Iemanjá”, flora vizinha da “Sete Flexas”, é um exemplo disso, pois compra defumadores da loja de Lorena e Silon e vende para ela suas guias-imperiais de fabricação própria. As guias-imperiais são colares usados por pais, mães e filhos-de-santos. Além dessa ligação, elas mantêm entre si um outro tipo de intercâmbio comercial. É um esquema de trocas imediatas de produtos sem que envolva o pagamento em dinheiro, na hora. Seus proprietários se conhecem e é comum presenciar, no cotidiano da “Sete Flexas”, funcionários das floras vizinhas buscarem produtos, os quais são

contabilizados num caderno pela proprietária, o que sugere que são pagos, posteriormente. Certa vez, observei Lorena sair correndo porta afora com uma bengala de ritual na mão, a qual tinha uma pequena caveira na extremidade superior, e voltar com um pacote fechado, o qual fora entregue a um cliente que esperava. Esse “costume” obedece à necessidade da ocasião. Em momentos distintos, perfumes e incensos da “Sete Flexas” são trocados por potes de barro de outra flora, prática que possibilita a manutenção de um vínculo entre essas lojas.

A circulação não se dá só com os produtos materiais, mas também há a troca de materiais simbólicos. Nas falas de Lorena, destacou-se uma informação que considerei importante e que está relacionada à compra de presentes pelos donos da “Sete Flexas” para crianças carentes de Porto Alegre. Essa atividade é realizada com as moedas que as pessoas depositam nos mais variados tipos de imagem de santos da loja, ao longo do ano, como forma de oferenda. Nas mãos das imagens em tamanho natural da “Mãe Maria” e do “Preto Velho” que ficam logo à entrada da flora, há muitas moedas e alguns cigarros. Muitos clientes da loja fazem esse tipo de oferenda, cujos donativos, muitas vezes, vêm acompanhados de orações, gestos e benzeduras diante das imagens. Alguns transeuntes também realizam suas doações com dinheiro. Provavelmente sejam formas de pedidos de proteção ou até de objetos. Ou ainda, um simples agradecimento por uma graça alcançada. O que importa é que esse espaço de doação se dá e é bastante freqüente pela quantidade de moedas que se juntam a cada dia nas mãos das entidades. Segundo a proprietária, essas quantias são recolhidas e poupadas para a compra de presentes para as crianças carentes, os quais são distribuídos no final do ano. Esse projeto parece ser concluído em nome dessas pessoas que doaram as moedas, visto que Lorena disse, certa vez, que o dinheiro posto lá “não é nosso, mas deles”, demonstrando valorizar a oferenda e, de certa forma, a crença dessas pessoas. Produzindo um evento assim, estabelecem uma troca com as pessoas que depositaram os valores para as entidades “Mãe Maria” e “Preto Velho”. É o que Marcel Mauss chama de “prestações e contra-prestações”, em que o intercâmbio de presentes, aqui a ação de doar moedas e a de comprar os brinquedos, estabelecem-se voluntariamente, mas com um “fundo” de obrigatoriedade entre aquele que dá e aquele que recebe e retribui (MAUSS; 2003, 185). Através dos donativos para as crianças necessitadas, parece que tanto Lorena, quanto Silon sentem-se obrigados a retribuir, a agradecer seus clientes por consumirem na loja. Como também, não seria exagero se pensar que, com a ação de se comprar presentes com as moedas doadas e recolhidas ao longo do ano, o casal também podem estar retribuindo às entidades, ou seja, agradecendo a “Mãe Maria” e o “Preto Velho” pelos doadores dessas moedas. Assim, parecem retribuir

mais com o ato de comprar os brinquedos que com o fato de investir dinheiro do próprio bolso tal ação.



Também é válido afirmar que esse evento também pode estar sendo oferecido em nome dos desejos dos próprios proprietários da “Sete Flexas”. Dessa forma, estabelecem um intercâmbio com os “céus”, provavelmente, agradecendo-os pelo ano que tiveram nos rendimentos da loja, visto que constantemente essa se encontra cheia de clientes. Ao oferecerem os brinquedos, sugerem estarem retribuindo aos orixás o resultado de um ano produtivo, ao mesmo tempo em que parecem doar em troca da obtenção novos pedidos (MAUSS; 2003, 185). Não seria difícil de se prever que também desejam um novo ano igualmente ou mais próspero comercialmente. Ambas as ações, tanto a dos doadores quanto a dos proprietários, são permeadas de intenções próprias daqueles que agem. Ou seja, tanto o gesto de se doar uma moeda aos santos, quanto o fato de se distribuir brinquedos a carentes parecem estar impregnados do espírito de suas pessoas, de suas emoções e sentimentos. É um “vínculo de alma” que se estabelece, pois apresentar algo a alguém é dar algo de si, contraindo, assim, um “laço” o qual não deve ser rompido com aquele que dá ou recebe o presente (MAUSS; 2003, 199). A ação de se dirigir às entidades, depositar uma moeda e fazer uma oração em voz baixa vem carregada de subjetividade da pessoa que realiza o ato. Um pedido, um agradecimento ou um gesto de respeito implica numa intenção que requer “pagamento”, ou melhor, uma troca. Dá-se a moeda ou o brinquedo para que algo de bom retorne ao “pedinte”. E se alcançada a intenção almejada, deve-se retribuí-la. Seguindo ainda o pensamento de Marcel Mauss, não há dádiva desinteressada. Apesar de aparentar não haver interesse, sempre pressupõe uma troca. Requer um retorno com o gesto da retribuição, que acaba sendo obrigatória, bem como o ato de doar e de receber. Para o autor de “Ensaio sobre

a Dádiva”, essa é constituída do ato “gratuito” de doar, de receber e de retribuir. Espera-se que o santo, para quem foi realizada a doação, venha “cumprir” com o seu ato de atender ao pedido. E, por sua vez, aquele que foi atendido, deve, num sentimento obrigatório, agradecer com uma outra dádiva. Todos esses atos são partes de um esquema, os quais não podem se desvincular. Caso contrário, seria uma falta que pode ser encarada como desrespeito ou quebra do “contrato” estabelecido entre os lados envolvidos no pedido. Nisso, estão em jogo os sentimentos, a “alma” de quem doa que não devem ficar com aquele que recebe, como afirma Mauss. O presente deve ser retribuído, seja ele em sinal de agradecimento ao objeto presenteado, em sinal de respeito ou de poder. Dar presentes aos orixás é sinal de crença em seus poderes. Dá-se o que é melhor em presente e de si mesmo, visto que a dádiva pode ser vista como um modo de agradá-los para que, com autoridade e bondade, esses retribuam com o atendimento ao pedido realizado. É um compromisso, uma espécie de pacto estabelecido entre os deuses, ou a própria crença, e o crente que não deve ser quebrado. Algo que pode ser continuado na medida em que os pedidos vão sendo feitos e atendidos, para que novas intenções sejam demandadas e assim por diante. Muitas moedas poderão ser depositadas à medida que se crê no potencial dos santos em atenderem aos desejos e muitos brinquedos no final de cada ano poderão ser retribuídos, enquanto houver moedas e intenções sendo ofertadas, fazendo com que haja uma circularidade nesse “dar-receber-retribuir” constante (MAUSS; 2003, 200).

A Fotografia em Campo

Nos dias em que passei com o pessoal na flora, realizei diversas imagens fotográficas sobre o ambiente do estabelecimento, procurando captar o ritmo cotidiano de uma flora do Centro de Porto Alegre, fazendo fotografias do trabalho junto ao balcão, dos detalhes das



imagens dos orixás, da organização geral da loja e das pessoas que se encontravam nela. Além de fazer das imagens um meio de me aproximar de Lorena, Silon e Aline, minha intenção era a de realizar uma pesquisa exploratória sobre o meu objeto de estudo, compondo uma narrativa visual com o resultado obtido. Imagens

essas que alimentarão o banco de dados do BIEV. Doando as fotos aos meus informantes, tive a oportunidade de otimizar a relação com eles, na medida em que o registro fotográfico revelava fatores de seu interesse. Ao retratá-los, as imagens evidenciavam aspectos, talvez

pouco observados, de sua “realidade”. Detalhes de algumas partes da loja eram mostrados, como a disposição dos vasos de barro e gamelas no chão, bem como a coleção de potes de madeira e de louças coloridas na prateleira. Ou o conjunto de guias em miçangas coloridas e translúcidas que pendiam de um varal. Fotos que, de certa forma, revelavam a riqueza material e visual do estabelecimento. Observei que, quando viram, pela primeira vez, as imagens tiradas da loja no dia de seu aniversário, as quais retratam



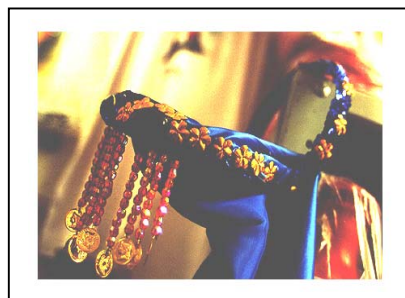
diversos momentos e detalhes da flora, havia um certo brilho nos olhos dos proprietários. Isso demonstrava a sua felicidade sobre o primeiro ano de existência desse comércio, na Parobé. “Um ano”, comentou Silon sorridente, contemplando as fotos. Percebi que, através delas, estreitei os “laços” com o grupo que parecia atribuir um significado especial a elas. Elas



pareciam representar uma espécie de “materialização” de um sonho. “Gostei mais daquelas que mostram a loja inteira”, explicou Silon, como se exibisse um “filho” ao mostrar as fotos de “plano geral”. Aline já gostara daquelas em que se viam detalhes do local. “Closes” que ressaltavam aspectos singulares dos objetos expostos. As oferendas à imagem de Oxum, a cabeça de São Jorge e as mãos de Mãe Maria. “Porque são diferentes”, justificou simplesmente. Tanto é que resolveu fazer um painel em papel pardo com as fotos presenteadas, colando-o num canto bastante visível da loja, idéia já ocorrida por seu pai. Das escolhidas por Silon e sua filha, posso depreender que a percepção dos dois se difere em relação à flora. Este, através das imagens mais abertas do recinto, parecia reafirmar uma conquista pessoal, demonstrando uma trajetória de luta. As escolhas de Aline refletem uma loja diferenciada do todo. Os enquadramentos “fechados” nos objetos direcionam o olhar a detalhes que podem ficar “diluídos” em meio a tanta coisa a ser vista. Observando a foto da cabeça de São Jorge ou das mãos de Mãe Maria, percebo que elas prendem o foco de atenção, sugerindo uma “descontextualização”, na medida em que não remetem de imediato à totalidade da flora. O retorno possibilitado por essas fotos foi bastante frutífero para a minha pesquisa, visto que já poderia me considerar como “alguém da casa”. Com isso, percebi que Silon, Aline e Lorena se sentiam mais à vontade diante da minha presença, aspecto essencial para a continuidade do estudo. Utilizando-me do pensamento de Milton Guran (1998, 90), fotografar implica na interação com o conteúdo da cena retratada, fator que pode ser utilizado como recurso de inserção em campo. Dependendo do que é

fotografado, a imagem pode significar aproximação, visto que, num processo “narcísico”, ela “fala” do grupo ao retratar a ele mesmo.

Em relação às técnicas para o ato fotográfico, essas respeitaram os enquadramentos e objetos que “saltavam” aos olhos, apesar da difícil tarefa de se escolher um dos diversos objetos expostos, quando o número de poses não pode dar conta de tudo. As cores das prateleiras, os



movimentos repetitivos dos funcionários ao embrulhar as mercadorias “exigiam” registros. A “santaiada” em fileira e a cabeça de São Jorge, também. O olhar seletivo procurava enquadrar tudo, experimentando ângulos, sem medo de arriscar um enquadre estranho ou feio com objetos em descompasse. Um critério seguido para o “click” foi aquele que respeitava a repetição de exposição dos temas. Ou seja, objetos que, constantemente, estavam aparecendo à minha frente, tais como as oferendas e simpatias contidas dentro no espaço da loja: Os pedaços da oferenda a Oxum “pediam” um ângulo. As moedas despejadas nos pires próximos às imagens, os potes com sal grosso e moedas “apareciam” muitas vezes no meu campo de visão. Meu olhar, dentro da loja, deu-se na maior parte do tempo, através do “vidrinho” que atravessa uma lente grossa, o que acabou delimitando o espaço, fazendo com que eu perdesse parte do acontecimento por estar “presa” a um espaçozinho retangular. Tentando compensar a falta, ou alternar a minha observação com a visão a olho nu ou procurando me movimentar para diversos lados e em direção a diversos aspectos com o olho “grudado” na máquina.

Em meu campo, percebi que há determinadas “zonas não permitidas”, visto que não me atrevia circular por elas e, muito menos, fotografar delas ou elas. O pavimento inferior da loja, onde funciona a fábrica de incensos, defumadores, perfumes, é um desses espaços. Não tive coragem de pedir permissão para entrar e fotografar esse lado do estabelecimento. Por se tratar de produção de artigos religiosos e que, provavelmente, envolva algum tipo de “receita” secreta, pensei que não seria hora para explorar, mesmo que à distância, algumas imagens desses lados da loja. Outra “zona escura”, por onde não circulo por não ser ético se situa atrás do balcão. Não circulava por lá evitando atrapalhar o movimento dos balconistas. Há também o espaço próximo ao caixa que dispensa comentário. Dessa forma, não sei como é a loja fotograficamente por esses pontos de vista. A única vez em que estive atrás do balcão, fiquei encantada com a diversidade de ângulos diferentes, porém percebi que Lorena me observava de longe, o que não me deixou à vontade. Além do mais, a luz não era suficiente para obter uma imagem de boa qualidade. Não arrisquei, pelo menos, naquele momento.

Referências Bibliográficas

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o Estudo da Memória Coletiva no Mundo Urbano Contemporâneo sob a Ótica dos Itinerários de Grupos Urbanos e suas Formas de Sociabilidade*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 15. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2000.

_____; _____. *Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana*. Iluminuras: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.

GURAN, Milton. *A 'Fotografia Eficiente' e as Ciências Sociais*. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (org.). *Ensaio sobre o Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. In: *Antropologia e Sociologia*. São Paulo: Cosac & Naïf, 2003.

Mercado Público – 1869-1996. Textos do Concurso: “Escreva seu nome na história do Mercado”. Porto Alegre : Unidade Editorial, 1996.

ORO, Ari Pedro (org). *As Religiões Afro-brasileira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

POLVORA, Jacqueline Britto. *A Sagração do Cotidiano: Estudo de Sociabilidade em um Grupo de Batuqueiros de Porto Alegre – RS*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS/UFRGS. Porto Alegre, 1994.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. Porto Alegre: Cia das Letras, 2001.

RIOPARDENSE, Macedo de. *Porto Alegre: História e Vida da Cidade*. Porto Alegre: Editora Urgs/UFRGS, 1973.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O Antropólogo e sua Magia*. São Paulo: Edusp/USP, 2000.